

Comércio prevê queda de 40% no faturamento

O faturamento do comércio no segundo semestre deste ano deverá sofrer uma queda de mais de 40% em comparação ao mesmo período do ano passado. Isso deve ocorrer em virtude das altas taxas de juros, atingindo os consumidores das classes B e C, principalmente, resultando numa recessão desnecessária. O índice de inflação de agosto se situara em 3%, aumentando para 3,4% em setembro.

Esta é a opinião de mais de 50% dos comerciantes do País, expressa em pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio junto a 460 empresários e todos os presidentes de federações e sindicatos do setor. Mais da metade dos empresários (51,3%) acham que o faturamento do comércio vai sofrer uma queda de 40%; 38,5% acham que o faturamento sofrerá uma queda de 20%; 6,7% acham que o faturamento se manterá no mesmo nível; 2,9% acham que haverá um aumento; e 0,6% não quis responder.

A maioria dos empresários do comércio acha que no segundo semestre haverá uma recessão desnecessária, provocada pelo excesso na dosagem da abertura da economia, e a grande maioria (81,8%) é de opinião que a economia já deveria ter sido totalmente desindexada.

Pesquisa — Segundo a pesquisa, a recessão na economia já atingiu todas as classes sociais e todos os agentes da economia, à exceção dos grandes bancos que, apesar dos níveis altos da inadimplência, continuam, como no passado, a apresentar grandes lucros em seus balanços. De acordo com os empresários do comércio, foi a classe média a mais atingida pela política recessiva do Governo, seguida de perto pelo comércio e indústria.

Para o chefe do Departamento

Econômico da CNC, Alberto Vieira Ribeiro, "a classe média, que move a economia, foi a maior perdedora: tivemos uma fase inicial de excitação de consumo, até estimulada pelo sucesso do plano econômico, e logo depois uma mudança abrupta na política monetária, que elevou as taxas de juros ao nível mais alto do planeta. Por acréscimo, a MP da dexindexação atingiu basicamente as classes B e C".

Segundo a CNC, foi o comércio o agente da economia mais atingido pela recessão: "Nosso setor é formado por cerca de um milhão e 800 mil empresas, sendo que 96% empregam menos de dez funcionários", disse Vieira Ribeiro. "Entre maio e julho deste ano houve uma perda de 13,8% dos postos de trabalho no global do comércio, incluindo aí uma forte aceleração nas demissões feitas pelos 4% de médias e grandes empresas. Esta é uma crise sem precedentes e que não deriva de má administração, mas sim de mudanças bruscas no jogo da economia", sintetiza.

A pesquisa da Confederação Nacional do Comércio mostra que a recessão neste segundo semestre é irreversível para 51,3% dos líderes empresariais do comércio, que acreditam que a queda de negócios será superior a 40%, em comparação com o mesmo período do ano passado. Para 38,5% a queda de negócios será mais moderada, da ordem de 20%. E apenas 9,6% do total de empresários consultados acham que o volume de negócios será igual ou superior aos do segundo semestre de 1994.

Para 68,8% dos 460 líderes consultados, esta recessão é "desnecessária e resultou de um excesso de dosagem na abertura da economia", enquanto 30,8% consideram as medidas anticonsumo "necessárias à estabilização da economia".